



Entrevista com José Eduardo Agualusa: *A literatura quebrando muros*

Luís Cláudio Ferreira Silva^{*} e Marco Antonio Hruschka Teles

Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: luisliteratura@hotmail.com

Received on May 18, 2021.

Accepted on May 19, 2021.

Introdução

José Eduardo Agualusa nasceu em Huambo, Angola, em 1960. Estudou Silvicultura e Agronomia em Lisboa, Portugal. Escreve crônicas para o jornal brasileiro *O Globo*. É membro da União dos Escritores Angolanos. Seus livros já foram traduzidos para mais de 30 idiomas. Pelo selo Tusquets da Editora Planeta do Brasil, publicou *O terrorista elegante e outras histórias* (2019), livro escrito a quatro mãos com Mia Couto, de quem é amigo. Publicou também *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017) e *O vendedor de passados* (2018), romance pelo qual venceu o Independent Foreign Fiction Awards. Seu último romance publicado é *Os vivos e os outros*, de 2020. A entrevista que segue é parte de uma mesa na 7ª Festa Literária Internacional de Maringá (FLIM), realizada de maneira virtual, no dia 11 de dezembro de 2020.

Entrevista com José Eduardo Agualusa

Pergunta: Já que o tema da nossa mesa é ‘a literatura quebrando muros’, no seu romance *Teoria Geral do Esquecimento* (2012) a personagem Ludovica constrói um muro separando o seu apartamento do resto do prédio. Ela fica enclausurada por cerca de 30 anos, ou seja, é uma história bastante tocante. Qual seria a simbologia desse muro na sua obra?

Agualusa: Bem... este livro tem tudo a ver com o medo do outro, é um livro sobre o medo do outro, sobre a xenofobia, essa mulher portuguesa vai pra Angola pouco antes da independência e acaba ficando isolada no apartamento no momento em que a guerra começa. E ela fica assustada com toda aquela situação e constrói um muro separando o apartamento dela do resto do prédio, do resto do mundo. No fundo, essa é uma metáfora, uma alegoria sobre o medo do outro. Ela vai ficar isolada durante quase 30 anos e é salva, finalmente, por uma criança.

Pergunta: Pensando nessa questão de rompimento de muros, a literatura também rompeu com as barreiras geográficas na sua vida. Você é angolano mas morou no Brasil, Portugal, Alemanha e já esteve em inúmeras partes do mundo, como na Índia e na Holanda, por exemplo. De que modo estar em outra parte, Agualusa, deslocar-se com frequência, contribui para a sua escrita?

Agualusa: Sim, como você soube dizer muito bem, a literatura constrói pontes, a literatura derruba muros. O que a literatura faz é nos aproximar dos outros. Quando você lê um livro, você se coloca na pele do outro, você se coloca na pele do narrador ou de um outro personagem. Então você faz esse exercício permanente de ser o outro. No meu livro, essa personagem, por exemplo, só sobrevive durante todo aquele tempo porque ela tem uma grande biblioteca, ela herdou uma grande biblioteca. E, embora ela esteja fechada naquele apartamento, ela consegue viajar pelo mundo, lendo livros.

Pergunta: Eu adorei ler esse livro! Esse livro me tocou profundamente. Pensando ainda nas suas influências, você acha que o seu envolvimento com outras manifestações artísticas como a música, o teatro e a fotografia influenciam no seu trabalho como romancista?

Agualusa: Sim, eu acho que tudo, tudo nos marca, não é?! Tudo nos leva ao encontro de histórias. Eu acho que a primeira condição para ser escritor é estar aberto, é estar disponível para o outro, para aquilo que nos chega. E isso acontece de várias formas. Por exemplo, no caso da fotografia, eu gosto muito de fotografia, eu fotografo e fotografar me ajuda a escrever. Mas as artes plásticas e as obras de outros artistas também me

ajudam tanto quanto um bom livro me pode ajudar. A poesia, por exemplo, também. Eu sou um ficcionista movido à poesia, leio muita poesia, preciso de ler poesia para escrever ficção. Mas, em relação às outras artes, é a mesma coisa, como um bom filme, uma obra artística pode me suscitar algo que me leva a escrever. Então todas essas opções artísticas eu acho que acabam sendo importantes para um escritor.

Pergunta: Você sabe quando eu percebi o seu olhar de fotógrafo na sua literatura? Quando eu li *O vendedor de passados* (2018) e a sua narradora, a osga, a lagartixa, sempre procurava o melhor ângulo para poder narrar, eu achava isso muito interessante, ela se deslocava pela parede...

Aigualusa: Em *O vendedor de passados* (2018), tem dois fotógrafos. Dois personagens são fotógrafos. Mas a perspectiva é absolutamente fundamental num romance. Esse livro é narrado por uma lagartixa, por uma osga. Seria totalmente diferente se fosse narrado por um dos fotógrafos ou pelo personagem principal, Félix Ventura, que é este personagem que constrói passados, que vende passados aos novos ricos. Então a perspectiva muda completamente uma história. Se eu tivesse contato essa mesma história na perspectiva do Félix Ventura seria outro livro, não seria o mesmo.

Pergunta: Com certeza, o charme do livro está no fato de a narradora ser essa lagartixa. (risos)

Aigualusa: Sim, para este livro eu usei a lagartixa porque a história se passa quase toda no interior de uma casa, que é uma espécie de 'sebo', e eu precisava de um narrador que fosse uma espécie de um pequeno deus doméstico e que tivesse uma perspectiva a partir de cima, que seguisse os personagens a partir de cima. E aí me ocorreu a lagartixa, que é uma presença constante nestes nossos universos e, portanto, ela está lá, acompanha o que está dentro de casa e tem essa perspectiva a partir de cima.

Pergunta: Já que estamos falando de *O vendedor de passados* (2018) - te dou os parabéns mais uma vez pela obra, que é excelente - ela ficou bastante conhecida também porque foi adaptada para o cinema, onde estrelam dois atores brasileiros muito conhecidos, o Lázaro Ramos e a Aline Moraes. Neste livro, o personagem Félix Ventura 'fabrica' passados alternativos, como você acabou de dizer. Uma pergunta talvez um pouco provocativa para você: Se você pudesse pedir para o Félix Ventura alterar algum acontecimento no seu passado, o que você pediria?

Aigualusa: Sinceramente, eu estou em paz com o meu passado, não sinto muita necessidade de ter um passado inventado, um outro passado. Talvez eu pedisse o meu próprio passado que eu me esqueci, tudo aquilo que não me lembro mais e talvez usasse os serviços dele para que fosse investigar aquilo que eu perdi da memória, da minha memória que desapareceu, esse pedaço da minha identidade. O livro trata disso, nós somos aquilo de que nos lembramos e, portanto, no fundo, a tese do livro é que muitas das nossas memórias são invenções, não são reais. Portanto muito da nossa identidade é ela própria falsificada. Então se eu tivesse que recorrer aos serviços do Félix Ventura talvez eu pedisse não para ele inventar um passado, mas para ele investigar o meu passado e me devolver aquilo que eu perdi, aquilo que eu esqueci.

Pergunta: Você sabe que eu pediria a mesma coisa?! Eu tenho muito poucas recordações do meu passado, de quando eu era criança. E eu lamento muito isso porque sei que tive uma infância muito feliz, com minha família e tudo. Só que eu tenho muito poucos flashes de memória e eu acho que isso é ruim. Seria interessante se essas memórias não se apagassem de fato.

Aigualusa: É verdade. Eu penso sempre nisso, penso que se eu fosse escrever, anotar todas as pequenas cenas que me lembro, talvez não desse um livro realmente. Eu também tenho essa ideia de que foi uma infância feliz, mas, ao mesmo tempo, lembro-me sempre de uma frase da minha filha do meio, quando era muito pequena, tinha uns 5 ou 6 anos, ela me disse uma vez: "ser criança é muito mau porque toda a gente manda em nós". E, naquele instante, eu percebi que o que ela queria dizer é que crescer é ganhar independência, então realmente eu acho que as crianças não são tão felizes – depois achamos que sim, que a nossa infância foi feliz – mas, na verdade, passamos a infância toda sendo mandados e não podemos exercer a nossa autonomia à medida que isso vai acontecendo. Talvez nenhuma criança seja realmente feliz. As nossas memórias na nossa infância é que nos fazem crer isso, mas talvez não sejam tão felizes as crianças quanto aquilo que nós tendemos a supor. Como dizia a minha filha, sempre tem alguém mandando, alguém orientando e a pessoa acaba por não ter liberdade. E crescer é isso: crescer é ganhar liberdade, crescer é ganhar independência...

Pergunta: Vou mudar um pouquinho a pergunta para estender a provocação a você. Sabemos que na sua obra você brinca muito com essa questão de presente, passado e futuro, de possibilidades alternativas na linha do tempo. Então, ainda nessa linha de raciocínio, se você tivesse o poder de alterar algum evento mundial ou passado de alguma nação - só um evento! - o que você alteraria no curso da história mundial?

Agualusa: Olha, essa é uma pergunta fácil de responder porque venho de um país que viveu uma guerra civil muito prolongada e eu acho que a maior tragédia que um país pode viver é uma guerra civil. Então se eu pudesse alterar alguma coisa, certamente faria com que essa guerra nunca tivesse acontecido em Angola. Acho que não há nada mais destruidor do que uma guerra civil porque uma guerra civil, no fundo, opõem famílias. Nesta guerra em Angola, conheço pessoas que tiveram irmãos, por exemplo, de ambos os lados da guerra, um combatendo contra o outro. É isso uma guerra civil, é irmãos se combatendo, se matando e isso é o mais terrível que pode acontecer. E essa guerra, realmente, em Angola, deixou cicatrizes muito profundas, traumas que ainda não fomos capazes de ultrapassar mesmo passados esses anos todos - já quase 20 anos que a guerra acabou - mas é como se a guerra ainda continuasse. No fundo, ainda não ultrapassamos por completo essa guerra. Talvez nunca ultrapássemos, talvez nunca se ultrapasse por completo uma guerra civil.

Pergunta: Então você acha que essa guerra civil em Angola é uma ferida incurável na biografia do país? Ou existe uma maneira de maquiar um pouco, tentar reverter o curso dessa história, dos resultados que essa guerra causou?

Agualusa: Olha, vamos tentar ser positivos, tentando ser otimistas, os angolanos são otimistas, costume dizer que os pessimistas já morreram todos, porque se você vive num país como a Angola tem que ser otimista. Mas tentando ser otimista, este ano estive em Angola trabalhando em um novo livro e entrevistei muita gente que esteve na guerra, desde generais, pessoas que participaram diretamente no esforço de guerra a camponeses que sofreram os efeitos da guerra. E fiquei muito impressionado ao notar que não havia rancor, que as pessoas me contavam histórias da guerra e histórias absolutamente terríveis - por vezes ficava pensando que os filmes do Tarantino perante a esta realidade, algumas dessas realidades que tivemos em Angola, parecem uma brincadeira de criança - porque realmente as pessoas me contavam histórias de terror absoluto, mas me contavam essas histórias sem nenhum rancor, sem ódio, e isso me impressionou muito. Me contavam como se estivessem falando de um filme precisamente, de algo que elas tivessem assistido e não de algo quem tivessem vivido. Não senti que houvesse ódio, que houvesse rancor e isso foi uma coisa que me impressionou muito.

Pergunta: Agora falando um pouquinho sobre o seu fazer literário. A gente ouviu muitos escritores falando que escrever é um ato solitário, que muitas vezes é preciso se isolar, se isolar em si mesmo para poder criar alguma coisa. E, na contramão, você escreveu *O terrorista elegante e outras histórias* (2019) com o Mia Couto, um escritor também conhecido, que é amigo seu. Quer saber se é possível dizer que a literatura também “quebrou os muros da solidão” para você. Ou seja, como é que foi a experiência de dividir a criação artística com alguém?

Agualusa: Você tem razão em dizer que é um ofício solitário. Sim, em princípio é. Mas também devo dizer que a literatura trouxe-me pessoas, trouxe-me amigos. Por exemplo, o Mia Couto. Eu o conheci através dos livros. Eu escrevi uma resenha sobre um livro dele, já tem muito tempo, mais de 30 anos. E ele gostou daquilo que eu tinha escrito e quis conhecer-me. Ficamos imediatamente amigos e essa possibilidade de trabalhar em conjunto surgiu com um convite para escrever peças de teatro. Nós escrevemos uma primeira peça a convite de um grupo português e eu me recordo que estávamos cada um no seu país. Eu não sei onde é que estava e o Mia estaria aqui em Moçambique. Fomos trocando mensagens através das redes sociais e escrevemos aquela peça em um tempo muito curto, 3 ou 4 dias. E rindo muito, nos divertimos muito com aquela peça. A peça foi um sucesso. Na verdade, fizemos uma comédia que fez um sucesso muito grande. E esse mesmo grupo nos pediu depois uma outra peça. Decidimos trabalhar mais, fizemos uma peça muito mais elaborada, mas também muito mais densa, mais pesada. Enfim, muito mais sombria. E essa não foi um sucesso, pelo contrário, eu acho que foi um *flop*. E essa companhia não nos pediu mais nenhum texto. Mas uma outra companhia nos pediu, então fizemos um terceiro texto em conjunto e esse texto escrevemos realmente frente a frente. Depois decidimos transformar essas três peças de teatros em contos. Portanto, foi um outro processo. Nos reunimos numa casa que o Mia tem nos arredores de Maputo, num lugar muito bonito, cheio de palmeiras e isso foi muito, muito, muito prazeroso. Pra mim foi uma grande alegria trabalhar com o Mia. É sempre uma alegria muito grande e é muitíssimo mais divertido do que estar em casa sozinho porque, às vezes em casa, sozinho, escrevo algo que acho divertido, posso até rir-me, eventualmente comover-me com aquilo que estou a escrever mas quando faço isso com outra pessoa, com o Mia, é infinitamente mais divertido porque aí a gente está um com o outro a rir daquilo que estamos a escrever, a ver a história nascer em conjunto, a assistir aquele nascimento em conjunto. Na verdade, a história surge muito mais rapidamente. Eu creio que pode ser melhor até porque tem essa possibilidade de confrontar enquanto a história cresce, de confrontarmos a história com outra pessoa. Portanto, eventualmente se há alguma coisa que não está bem, é mais fácil discutir se houver

outra pessoa, não é?! E, ao mesmo tempo, é muitíssimo mais divertido, é sobretudo muito mais divertido. Então, eu espero fazer isso mais vezes com o Mia. É verdade também que escrever com outra pessoa exige uma intimidade muito grande, por um lado, e uma admiração mútua. E, ao mesmo tempo, talvez uma certa humildade porque você tem que se adaptar ao estilo do outro, tem que gostar do estilo do outro. No meu caso e no do Mia houve esse esforço mútuo, cada um de nós tentando jogar dentro, escrever dentro do universo do outro. E talvez assim tenhamos criado um terceiro universo, que é uma soma desses nossos dois universos.

Pergunta: É muito bonita a sua amizade com o Mia Couto. Eu só conheço mais duas duplas de escritores que têm uma amizade tão bonita quanto a de vocês: Saramago com o Jorge Amado e, aqui em Maringá, o Luigi Ricciardi com o Marcos Peres (risos). Essa amizade entre escritores é sensacional e muito produtiva, inclusive, como foi o resultado desse livro de vocês.

Aguilusa: De repente lembro-me do Eça de Queiroz e do Ramalho Ortigão, que escreveram juntos. Aliás, tem um livro, *Nação crioula* (2001), que recupera uma personagem, o Frederico Mendes, que foi uma criação coletiva do Eça de Queiroz com o Ramalho Ortigão. E eles escreveram juntos não só um livro, *O mistério da estrada de Sintra* (2015), onde aparece a figura do Frederico Mendes, mas também escreveram artigos muito cáusticos, com muito humor, que depois foram coletados nas farpas. E é difícil distinguir um do outro, por exemplo. Eu acho que ao longo da história da literatura há várias parcerias interessantes, mas essa do Eça de Queiroz com o Ramalho Ortigão é um bom exemplo.

Pergunta: Com certeza, está cheio de exemplos assim na história. Inclusive, pensando nessa questão de escrever a quatro mãos, no seu último romance, *Os vivos e os outros* (2020), você propõe com seus personagens, que também são escritores, eles escrevem - ou pelo menos começam a escrever - um romance a quatro mãos...

Aguilusa: Há sim, é verdade, tem dois personagens... não vou contar a história... tem pequenas histórias, evidentemente, como em qualquer romance, dentro da história principal. Tem esses dois personagens que acabam se envolvendo e que decidem escrever um romance e, na verdade, a vida é o próprio romance. Esse é um livro sobre a importância da palavra, a força da palavra. A tese do livro é que a palavra é que funda o mundo, a palavra é que funda a realidade. Portanto, no livro esses personagens ficam isolados nesse lugar onde eu estou agora, na Ilha de Moçambique, há um encontro literário, um festival de literatura aqui na ilha reunindo escritores africanos e, de repente, há uma grande tempestade e as comunicações caem - um pouco como está acontecendo agora - e eles ficam completamente isolados nesta ilha, num tempo sem tempo, numa espécie de limbo, numa espécie de purgatório, sem saber se o mundo acabou lá fora. E eles apenas conseguem sair desse tempo estranho, da prisão desse tempo, escrevendo. Eles percebem que é criando histórias que é possível recomeçar o mundo. E eu acredito realmente nisso, acho que a literatura faz isso. Toda vez que um escritor começa a escrever há um mundo que começa a ser reinventado, o mundo reinicia-se.

Pergunta: Eu tive a sorte de ler esse livro de ontem para hoje e fiquei realmente muito feliz de tê-lo lido porque aprendi as perguntas que não posso fazer em uma mediação. Você descreve muito bem na obra - como você já falou, está acontecendo um evento literário e há mediações - e ali você diz: “ah, tem alguns tipos de pergunta que o autor não gosta” ou “essa pergunta não é muito original”. Então eu pensei: “opa, esse tipo de pergunta vou cortar porque ele já sabe que eu vou perguntar” (risos). Ou seja, a leitura desse livro me preparou para a mesa!

Aguilusa: (risos) O livro faz algumas maldades com os jornalistas culturais. É um pouco irônico, mas é isso mesmo... eu acho que, ao fim de tantos anos, se você conversar com escritores que estão nesse processo há mais tempo, há tanto tempo quanto eu, há sempre essa mesma história de perguntas absurdas, que são colocadas por jornalistas e, às vezes, pelo público também. Mas, enfim, faz parte. Faz parte disso tudo também, não é?! E vou dizer uma coisa, atenção! Uma coisa que é importante de ser dita: também são os jornalistas, ao fazer-nos perguntas, e o público, quando nos faz perguntas, os nossos leitores, no fundo, são eles que nos ajudam a compreender os livros. Serei absolutamente franco, quando acabo de publicar um livro, as primeiras entrevistas correm normalmente muito mal, porque não sei o que hei de falar sobre o livro, não sei explicar o livro. Os jornalistas querem que eu explique o livro e eu não sei fazer isso. Só começo a aprender, aprendo a fazer isso ouvindo os leitores, escutando os leitores, escutando os outros jornalistas. Eu realmente acredito nisso: eu acho que um livro só existe a partir do momento em que começa a ser lido porque são os leitores também que criam o livro, é a maneira como os leitores o leem é que vão criando o livro.

Pergunta: Com certeza, a responsabilidade é, digamos, cinquenta por cento do escritor e cinquenta por cento do leitor. E para homenagear o que você disse nesse livro, que as perguntas do público são muito mais interessantes do que as dos mediadores, estou com o chat do Youtube aberto com as perguntas das pessoas

que estão acompanhando a gente. O João Gabriel gostaria de fazer uma pergunta para você: “O que nos falta para podermos ser ‘sonhadores voluntários’, diurnos, para transformar as utopias de tempos melhores em realidades?”.

Aigualusa: Bem... eu tenho este livro, ele faz menção a um dos meus romances, *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), que é um romance sobre a realidade política angolana, sobre a participação do jovem na transformação, na democratização da Angola. E, no fundo, o que o livro defende é que temos que voltar a sonhar, e temos que voltar a sonhar em conjunto. Neste livro, o presidente da república, que está no poder há quarenta anos, é derrubado no momento em que as pessoas começam a sonhar o mesmo sonho ao mesmo tempo. E eu acredito realmente muito nisso. Acho que é preciso retomar o sonho, devolver a dignidade ao sonho, ou seja, a utopia. Precisamos criar novas utopias adaptadas aos nossos problemas, aos problemas atuais. Eu fico, às vezes, com a impressão que, após a queda do muro de Berlim, foi como se tivesse dito “a partir de agora não é mais possível sonhar”, quer dizer, a utopia acabou. E não pode ser assim, como estamos hoje a perceber, é preciso voltar a sonhar, criar novas utopias para vencer os problemas que temos hoje.

Pergunta: Espero que o João Gabriel tenha gostado da resposta, obrigado pela participação. Estávamos falando sobre o seu último romance, *Os vivos e os outros* (2020), e ele me tocou tão profundamente, me deixou bastante perturbado, que eu acabei selecionando algumas citações e gostaria de transformá-las em perguntas. Um dos seus personagens diz o seguinte: “Somos escritores. Nosso trabalho consiste em absorver a luz, como as plantas. Em transformar a luz em matéria viva. Consegues escrever sem primeiro te encantares?”. Eu refaço essa pergunta a você, Aigualusa: consegues escrever sem primeiro te encantares? Como que é o seu processo de inspiração ou de escrita, de labuta?

Aigualusa: Bem, no meu caso, não conseguiria escrever sem estar apaixonado pelo livro. Apaixonado pelo livro significa estar apaixonado por uma ideia, às vezes por um personagem. Há pouco estávamos falando sobre *O vendedor de passados* (2018), eu realmente sonhei... dormi e sonhei que um homem me apareceu no sonho me dizendo: “eu vendo passados aos novos ricos”. E ele tinha aquele cartão de visitas dizendo: “ofereça aos seus filhos um passado melhor”. Quando eu acordei com esse sonho na cabeça, eu me apaixonei por essa ideia de alguém que é capaz de inventar passados, de oferecer passados. E foi movido por essa paixão que eu escrevi o livro, paixão por esta ideia, por esse personagem. Mas, para mim, isso é absolutamente essencial. Eu acho que escrever exige paixão, por um lado, e disciplina, por outro, porque exige paixão para você começar a escrever, e disciplina para manter a escrita, para chegar ao fim. Mas a paixão, o encantamento, é essencial, e isso não mudou nada, eu escrevo há tanto tempo, há tantos anos e esse encantamento continua. Quer dizer, eu começo a escrever, tenho uma ideia... às vezes começo a escrever a partir de uma frase ou de um personagem, mas não sei o que vai acontecer. Escrevo para saber o que é que vai acontecer, como a história vai terminar. E aquele momento em que os diferentes fios se começam a juntar, os diferentes fios narrativos começam a juntar e a história se começa a formar, esse momento, para mim, é sempre uma alegria enorme, é quase um milagre, é como ver um milagre acontecer. É difícil de explicar. Mas é uma sensação única, absolutamente. Eu escrevo e continuo a escrever hoje para viver esses momentos. Isso não mudou. Então, para mim, o encantamento é paixão, o encantamento é fundamental. Eu não conseguiria escrever um livro apenas cerebralmente, sem estar apaixonado, a frio, não.

Pergunta: Você falando que sonhou com o personagem me deixou ainda mais intrigado porque o que mais me incomodou em *O vendedor de passados* (2018) foi justamente quando o Félix Ventura sonha o sonho da lagartixa, e a lagartixa sonha o sonho dele, eles estão juntos no mesmo sonho... eu achei isso de uma genialidade extraordinária, ou seja, como você consegue colocar isso na narrativa e, ao mesmo tempo, deixando o leitor desconfiado, fazendo-o entrar junto nesse sonho.

Aigualusa: Porque é o momento em que eles conseguem partilhar uma realidade. E isso é interessante, eles partilham a realidade no momento em que sonham. O sonho serve de ponte para uma outra realidade. Eu, sempre, desde criança, que tenho essa inquietação - que eu acho que todos temos, no fundo -, se nós acordamos para esta realidade, será que não haverá uma realidade mais lúcida do que esta ainda, será que não acordaremos um dia dentro de uma realidade ainda mais lúcida do que esta? E outra coisa do sonho, que é essa questão entre o sonho e a realidade: eu sempre digo que o sonho é parte da realidade. Quando eu sonho com a morte de um amigo, vamos supor... no sonho, eu choro lágrimas autênticas. E eu acordo e estou a chorar, e as minhas lágrimas são verdadeiras, são reais. Não há nada de irreal nisso. Então esse sonho está dentro da minha realidade, faz parte da minha realidade.

Pergunta: Esse período de isolamento social por conta da pandemia nos impôs momentos de reflexão muito importantes. Tivemos que abdicar de momentos de lazer e, principalmente, ficar longe das pessoas que

amamos. Muita gente fez um balanço da sua própria vida durante a pandemia. Ou seja, a solidão potencializou a reflexão. Em *Os vivos e os outros*, romance no qual os personagens também estão isolados na Ilha de Moçambique, onde você está agora, o personagem Uli pergunta ao Daniel: “Diz-me: se tivesses de passar o resto da tua vida preso a um único dia, que dia seria esse?”. No momento em que li esse trecho, fechei o livro e fiquei um bom tempo pensando na minha vida, tentando encontrar esse dia. Eu acho que o seu leitor está curioso agora, querendo saber de você: qual dia você escolheria para reviver eternamente?

Aigualusa: Olha, esse personagem que está no livro - que até um certo ponto é um alter ego - o Daniel Benchimol, que estava em dois livros anteriores, mas surge primeiro na *Teoria geral do esquecimento* (2012) é um jornalista especializado em desaparecimentos, depois ele reaparece já como narrador em *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017), e agora aparece neste último romance, ele tem muitos elementos da minha própria biografia, sobretudo do meu passado. Nasceu em Huambo, como eu, em 1960, filho de um ferroviário e professor de natação, esse é o meu pai. Ele tem muitos elementos comuns à minha biografia. Depois tem outros que o separam, que o afastam de mim completamente. Mas quando ele responde ao amigo dele, ao Uli, ele diz qualquer coisa como que “no momento em que fazia uma sesta na rede com a mulher...”, eu poderia responder da mesma maneira. Às vezes, fico depois do almoço com minha filha bebê - que agora tem dois anos e meio - e aqueles momentos para mim são o paraíso. Aquele momento em que estou abraçado a ela, meio dormindo, meio lúcido, era ali que eu queria estar, aquele é o meu paraíso.

Pergunta: Essa pandemia colocou todo mundo para pensar nesse sentido, coisas que antes não dávamos tanta importância, como um abraço em um familiar, um momento com alguém que a gente gosta. É isso que, de fato, tem significado. É isso que vamos guardar como uma vivência positiva para nós.

Aigualusa: Sem dúvida! Por exemplo, no meu caso, eu fiquei um tempo isolado em Lisboa, longe da família porque fui apanhado por essa situação, estava em Moçambique, fui a Angola, depois de Angola fui a Marrocos, de Marrocos fui a Lisboa para pegar um voo de volta para Moçambique e, de repente, o meu voo foi cancelado e eu fiquei não sei quantos meses - já perdi a conta, prefiro nem pensar nisso - mas fiquei muitos meses isolado em Lisboa, fechado em casa. E depois voltei e agora estou aqui na Ilha. E, para mim, viver aqui nesta pequena ilha - que é um lugar muito afastado do mundo, como no livro - também é um exercício de despojamento. Eu venho aprendendo isso: que talvez a felicidade consiste em sabermos viver com menos, porque ter... eu acho que esse mesmo personagem ou outro personagem em *A sociedade dos sonhadores involuntários* (2017) defende isso... esta ideia de que ter dá muito trabalho. Não ter é melhor. E o que tenho aprendido ao longo desse tempo aqui, e agora mais ainda nesse período de isolamento, é isso mesmo. É não ter. É viver sem ter tanta coisa, é viver com menos. É viver com o essencial, no fundo. E o essencial, em primeiro lugar, são as pessoas que amamos, é o amor dessas pessoas, poder viver, poder estar com essas pessoas. O resto não tem tanta importância realmente... E os livros, para mim os livros também são importantes (risos). Os livros também porque estão cheios de personagem que amamos, também estão cheios de pessoas que são importantes para nós.

Pergunta: E às vezes a gente ama mais os personagens do que as pessoas. Não podemos nos esquecer disso (risos).

Aigualusa: Mais uma vez, esses personagens também fazem parte da nossa realidade. Esses personagens, sendo personagens de ficção, também fazem parte da nossa realidade. É a mesma coisa com o sonho, como eu disse antes. Também quando você lê um livro, você se comove, você sente paixão, sente tristeza, etc. Alegria-se, diverte-se com a alegria dos personagens. E todas essas emoções são autênticas, são reais. Então, já me aconteceu - como certamente já aconteceu com você - de chorar mais por personagens mortos, personagens ficcionais que morrem em determinada altura do romance do que por algumas pessoas reais.

Pergunta: Exatamente! E, por exemplo, a minha esposa está muito brava comigo porque nos últimos dias eu passei mais tempo com você do que com ela. Passei o tempo todo abraçado aos livros, lendo... e ela está me cobrando isso. Mas hoje acaba! (risos). Hoje eu volto para casa e volto a ser o esposo.

Aigualusa: Espero bem! (risos)

Pergunta: É comum entre os escritores, ao lerem um livro que lhes toca profundamente, pensar: “Como eu gostaria de ter escrito esse livro!”. Eu, por exemplo, confesso aqui publicamente. Eu gostaria de ter escrito “O vendedor de passados”, mas você foi mais rápido! (risos). Tem algum livro que você leu que te fez pensar “como eu gostaria de ter escrito esse livro!”?

Aigualusa: Claro, com certeza. Eu acho que os grandes livros são aqueles que nos empurram para a escrita, que nos dão vontade de escrever. Como você disse, quando pensamos “como seria bom ter escrito isso!”. Mesmo os livros que nós escrevemos, as melhores partes, são escritas numa espécie de esquecimento, ou seja,

de estado de transe. Nós estamos tão intensamente mergulhados na escrita que não nos apercebemos o que é que estamos a escrever, não é?! E é só no momento em que estamos a reler o livro é que percebemos aquilo que escrevemos, que veio de algum lado. E aí você diz “Uaaa! Incrível! Gostaria de ter escrito isso!” (risos).

Pergunta: Mas tem algum livro que você poderia citar diretamente ou vamos manter o segredo?

Agualusa: Todos os livros que me empurraram para a escrita. Eu me lembro precisamente de todos os livros que me causaram impacto. Todos, desde o primeiro. O primeiro livro que me causou um grande impacto foi *Os Maias* (1888), do Eça de Queiroz. Depois, anos mais tarde, *As ficções*, do Borges. Também *O outono do patriarca* (2019), do García Márquez, um livro incrivelmente bem escrito, quer dizer, aquele livro é um prodígio da arte narrativa, como ele mistura os tempos na mesma frase. Aquele livro é absolutamente extraordinário em termos de construção.

Pergunta: Sensacional! Eu perguntei porque acho que o leitor gosta de ouvir da boca de um autor que ele admira alguma indicação, alguma coisa que o influenciou. Então, com certeza, os teus leitores vão atrás desses livros para saber o que é que eles têm de especial.

Pergunta: Você teve seus livros traduzidos para cerca de 30 idiomas. É um número bem significativo! Você tem medo de que a sua obra seja inevitavelmente reescrita pelo tradutor, uma vez que cada cultura e cada língua está impregnada de signos que só fazem sentido para aquele determinado povo?

Agualusa: Sim, sem dúvida. Repare que o próprio escritor é também um tradutor. Um tradutor de mundos. Lembro-me, já há muitos anos, de uma conversa que tive com escritores africanos, era precisamente um encontro de literatura africana na África do Sul, em Durban, e começou esta discussão porque, na maior parte dos países africanos, o nosso público está fora, que dizer, infelizmente em Angola há muito pouca gente com acesso ao livro, então a maior parte dos meus leitores não está em Angola. A maior parte dos meus leitores está no Brasil, está em Portugal, está em Inglaterra, nos Estados Unidos etc. Então quando eu escrevo, sei que não estou a escrever apenas para um leitor angolano e tenho que fazer esse exercício de traduzir também a realidade. No caso do escritor africano, isso é uma coisa consciente. Talvez isso até explique o sucesso crescente da literatura africana. Talvez tenha um pouco a ver com isso, porque o escritor africano, de uma forma geral, tem esse desafio de traduzir mundos, de traduzir o seu mundo, de traduzir a sua realidade. E, evidentemente, como você disse – e disse bem – o tradutor também é um escritor. Um bom tradutor tem que ser um bom escritor. E tem que reinventar o livro para uma outra língua. Então o sucesso de um livro quando traduzido depende não apenas do talento do escritor original, mas do talento do tradutor. Eu sempre defendi e continuo defendendo que o nome do tradutor deveria vir na capa, juntamente com o nome do autor, do escritor. Porque o tradutor é fundamental no sucesso do livro. Um tradutor pode tanto destruir um livro quanto pode melhorar o livro. E tenho tido sorte com alguns tradutores, sobretudo com o tradutor inglês, o Daniel Hahn, que realmente é um grande escritor. E algumas soluções que ele encontra, por exemplo nos títulos dos livros, são melhores que a ideia original. Isso acontece. Há tradutores que melhoram os livros e há tradutores que pioram os livros.

Pergunta: Adorei a sua resposta quando você diz que o escritor também é um tradutor, um tradutor da realidade, um tradutor do mundo. Estamos chegando ao fim, fiquei muito feliz de poder conversar com você e espero poder reencontrá-lo em uma próxima ocasião. Um grande abraço e muito obrigado.

Agualusa: Muito obrigado e um grande abraço a todos.

Referências

- Agualusa, J. E. (2017). *A sociedade dos sonhadores involuntários*. São Paulo, SP: Planeta.
- Agualusa, J. E. (2001). *Nação crioula: a correspondência secreta de Fradique Mendes*. Rio de Janeiro, RJ: Gryphus.
- Agualusa, J. E. (2018). *O vendedor de passados*. São Paulo, RJ: Planeta do Brasil.
- Agualusa, J. E. (2020). *Os vivos e os outros*. São Paulo, RJ: Planeta.
- Agualusa, J. E. (2012). *Teoria geral do esquecimento*. Alfragide: Publicações Dom Quixote.
- Agualusa, J. E., & Couto, M. (2019). *O terrorista elegante e outras histórias*. São Paulo, SP: Planeta.
- Márquez, G. G. (2019). *O outono do patriarca* (recurso eletrônico, Remy Gorga Filho, Trad.). Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Queirós, E. (1888). *Os Maias*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron.
- Queirós, E., & Ortigão, R. (2015). *O mistério da estrada de Sintra*. São Paulo, SP: Editora LL Library.